

CAPÍTULO 6

METODOLOGIA DE ESTUDO E PESQUISA DE HISTÓRIA MILITAR

Uma metodologia: A seguir apresentaremos uma metodologia para o estudo da pesquisa em História Militar. Socorremo-nos de experiência adquirida em mais de 40 anos no assunto. E mais, complementada por metodologia específica de produção de informações, adquirida, em 1975 num curso da Escola Nacional de Informações.

Ela poderá ser apropriada ao estudo e à pesquisa de qualquer ramo de História. A seguir a desenvolveremos segundo o objetivo: História do Exército.

Faseamento

1 - Definição do objetivo da pesquisa;

2 - Planejamento da pesquisa:

3 - Coleta e busca de fontes pertinentes e suficientes;

4 - Crítica das fontes quanto aos seguintes aspectos:

- a) Autenticidade;
- b) Originalidade;
- c) Integridade;
- d) Fidedignidade;
- e) Veracidade;
- f) Valor; e
- g) Suficiência.

5 - Processamento da pesquisa:

- a) Reconstituição do fato histórico:
 - Análise - decomposição à luz dos objetivos;
 - Integração - composição de evidências;
 - Reconstituição - ordenação lógica à luz dos objetivos;
- b) Interpretação do fato histórico - Seu significado à luz do objetivo da pesquisa para:

- Extrair e explorar os ensinamentos que sugere;
 - Estabelecer as relações de causa e efeito; e
 - Caracterizar os elementos de influência. Isto no caso de estimar-se a mais provável projeção ou influência do fato histórico no futuro;
- c) Síntese: Traduz a essência do fato histórico a sua utilidade para o progresso da Humanidade, no caso de utilidade para o Exército;

6 - Elaboração da pesquisa para difusão:

a) Introdução: Deve ser concisa e pode ser apresentada sob a forma de tese a demonstrar;

b) Desenvolvimento: Reconstituição ordenada e lógica do fato histórico. Tal reconstituição deve ser fundamentada com referências que permitam comprová-la;

c) Conclusões: - Parciais: Relacionada com o objetivo;
 - Final: - Síntese das conclusões parciais. Ou, “como queríamos demonstrar” na introdução;

d) Prova histórica: - Notas às referências feitas no desenvolvimento;

- Relação de fontes na qual a pesquisa apoiou-se (documentos, artigos, livros, etc, referenciados dentro de normas específicas da ABNT) (1);

e) Complementos: Índices, etc.

Obs: O ideal será que a introdução, desenvolvimentos e conclusões sejam claros, precisos, concisos, objetivos, diretos e inteligíveis para leitor comum.

A prova histórica, de interesse de poucos especialistas, constará de notas ao final de capítulos ou da obra, bem como bibliografia.

7 - Comunicação ou publicação: Nada mais do que a difusão da pesquisa.

Metodologia Histórica e de Informações - semelhanças

A metodologia histórica, em essência, é igual à metodologia para a produção de informações em geral.

Ambas visam à reconstituição e interpretação de fatos do passado.

A Histórica, de um fato mais recuado. A de informações, de um fato mais próximo.

Presumimos que Arnold Toynbee, um dos maiores historiadores do mundo ocidental, beneficiou-se - sobretudo para pesquisar História – da metodologia da produção de informações militares e gerais. Isto ao fazer carreira no Serviço Secreto da Inglaterra onde, inclusive, chegou a chefiar o serviço respectivo da Marinha de Guerra daquele país.

Em sua obra **A Sociedade do Futuro** chegou ao mais alto estágio de historiador. Após estudar o passado para compreender o presente, estimou o futuro, para fornecer subsídios aos dirigentes mundiais para que moldassem o

futuro da Sociedade, com oportunidade, antes que fosse tarde demais. Além da reconstituição do fato histórico e de sua interpretação, estágio desejado pelos maiores historiadores, ele procurou estimar o futuro. Aplica sua metodologia para reconstituir fato nebuloso, a ser difundido a seu cliente, para conhecimento, decisão ou como dado de planejamento.

Possui, por outro lado, uma metodologia para estimar as projeções no futuro, de um fato em evolução (2).

A idéia de fontes históricas encontra paralelo na produção de informações. Elas baseiam-se, primordialmente, em informações (essência da verdade) e informes A-1. Este último é o documento de mais alto índice de veracidade de idoneidade, após a Informação.

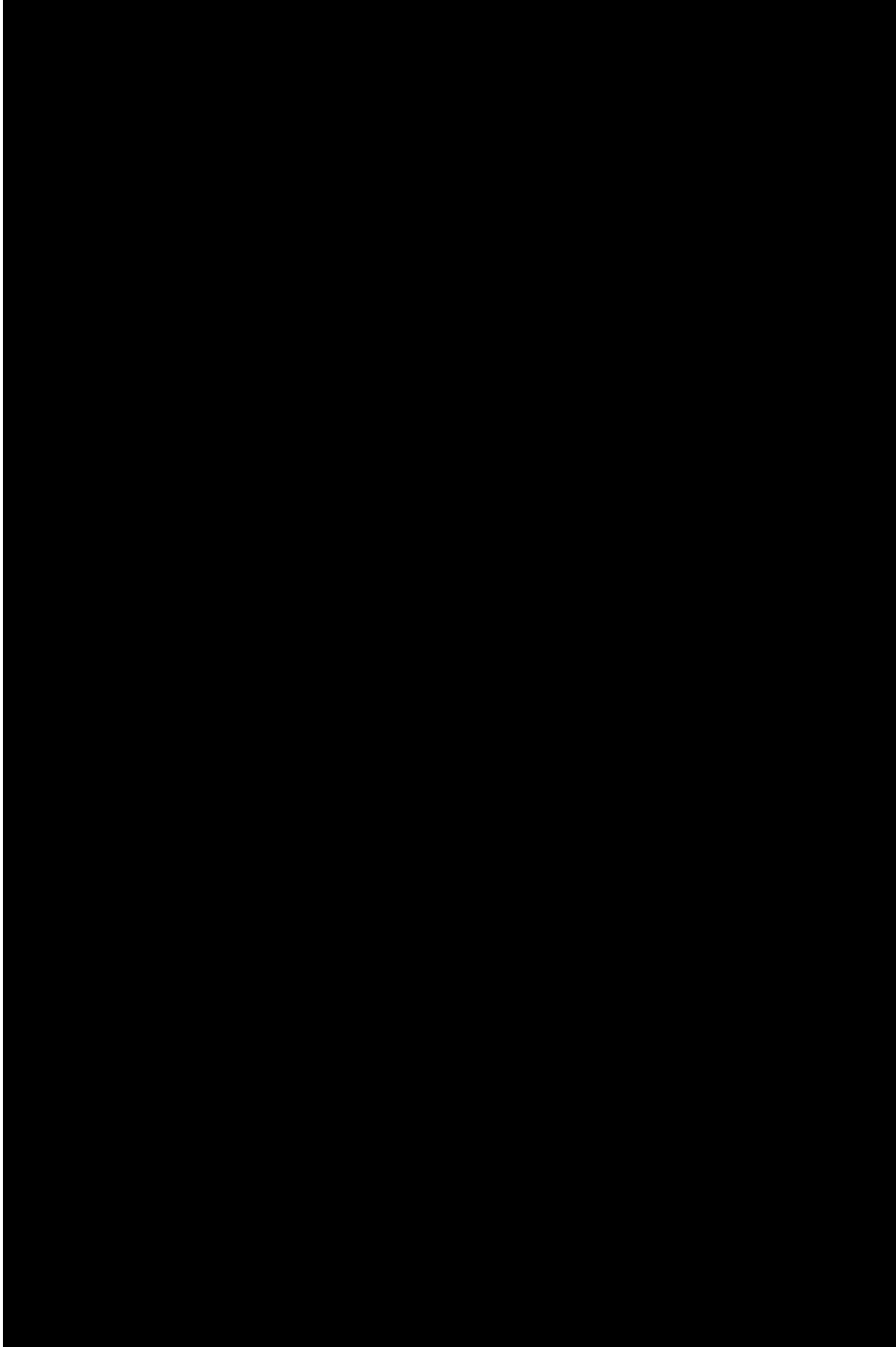
A diferença fundamental das metodologias histórica e de informações diz respeito à profundidade.

Em informações existe o princípio da oportunidade, assim traduzido na prática:

“Informação é como peixe, quanto mais fresco melhor”. É melhor dispor-se de uma informação incompleta na hora certa, do que uma perfeita fora de hora.

O historiador, habilitado a raciocinar em séculos e milênios, não sofre esta imposição. Pode conduzir sua pesquisa no tempo e perfeição desejados.

Com estas breves considerações procuramos demonstrar que o Militar, com ou sem o curso da EsNI, aprendeu a metodologia da produção de informações que poderá apropriá-la para desenvolver suas potencialidades de estudioso e historiador militar. Na página a seguir, comparo as metodologias de estudo e pesquisa de História com a de produção de Informações: Ver quadro comparativo na próxima página.



Desenvolvimento da Metodologia

Generalidades: A metodologia desenvolvida a seguir é a usada pelo autor na produção de seus trabalhos de história militar e de informações em geral. Acreditamos que ela se aplique, em função do objetivo a que se destina, à pesquisa da História do Brasil e a todas as suas divisões e especializações.

Sendo o objetivo deste ensaio o estudo e a pesquisa da História do Exército, serão citados exemplos a ela relacionados.

Metodologia ou processo: O que trataremos a seguir tem a força de processo e não de método de pesquisa. Entendemos que o método, conforme o Discurso de Descartes, é único e universal. O processo é decorrência da aplicação do método à solução dos mais variados problemas.

Assim, no Exército, a aplicação do **Método de Descartes** a determinados problemas deu origem a alguns processos, para melhor responder a problemas específicos. Exemplos:

- Processo de Estudo de Situação, com todas as suas divisões, função do escalão e da finalidade a que se destina;
- Processo de Estudo Militar de Áreas; e
- Processo de Levantamento Estratégico, em função das ações estratégicas a planejar ou executar.

Nas informações, a aplicação do método universal dá origem, entre outros, aos seguintes processos mais usuais:

- Processo de Produção de Informações Correntes;
- Processo de Produção de Estimativas; e
- Processo de Levantamento Estratégico para planejar a Política Nacional e acompanhar o desempenho da Política do Governo.

Descartes, em seu Discurso sobre o Método, assim sintetizou suas fases:
(3)

Primeira: Nunca aceitar nenhuma coisa como verdadeira, a não ser que apresente evidências de ser assim considerada;

Segunda: - Dividir as dificuldades a examinar, em tantas partes quanto possível e necessário para resolvê-las;

Terceira: Ordenar o pensamento. Começar pelo simples em ordem de precedência, até chegar gradativamente ao complexo; e

Quarto: - Para cada caso fazer enumerações completas e revisões gerais para certificar-se de que nada omitiu.

E sobre o valor da História referiu:

“As ações memoráveis da História realçam o espírito. Lidas com discrição ajudam a formar o critério”.

1 - Definição do objetivo da pesquisa

É a resposta ou respostas que quero obter ao final da pesquisa. Confunde-se, em informações, com aspectos essenciais. Em História, com idéias focais. Os dois, idéias focais ou aspectos essenciais, traduzem os pontos mais importantes contidos no assunto. Ou, a essência do assunto. Os aspectos essenciais, em informações, são os conhecimentos essenciais sobre o assunto a serem transmitidos ao cliente da informação. São enunciados sob a forma de subtítulos, sob os quais o analista desenvolverá os conhecimentos sobre eles obtidos.

Objetivos em pesquisas de História do Exército - Exemplos:

- Contribuição histórica do Exército para a preservação ou conquista dos ONP;
- Contribuição do Exército Brasileiro nos campos políticos, econômico e social;
- Características reveladas pelo combatente do Exército, em lutas internas e externas;
- Formulação e desenvolvimento da doutrina militar das nossas forças terrestres;
- Evolução da Arte da Guerra no Exército Brasileiro (soluções táticas, estratégicas e logísticas para resolver problemas militares brasileiros);
- O Exército e a política no Brasil. Sobre este objetivo existe o seguinte ensaio, cujo conhecimento e meditação nos parece relevante para os oficiais do Exército:

COELHO, Edmundo Campos. Em busca de Identidade - **o Exército e a Política na Sociedade Brasileira**, Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1976;

- O Exército como fator moderador. Enfoque não entendido como Poder Moderador. Ou, o exercício de fato, desde a República, de atribuições da competência do Imperador. Mas, sim como elemento dissuasor de ambições de grupos mais hostis, que tentaram sobrepor seus interesses ao nacional.

Estes são alguns exemplos de objetivos relacionados com o mais alto nível de direção do Exército. Outros, de caráter didático, como assinalado abaixo, poderão ocorrer.

- Análise de uma campanha, operação, batalha ou combate da História do Exército à luz dos seguintes objetivos:
 - Coerência das decisões à luz de seus fatores: Missão, Terreno, Inimigo, Meios (erros, acertos, ensinamentos);
 - Aplicação dos princípios de guerra (erros, acertos, ensinamentos);
 - Forma de manobras utilizadas (erros, acertos, ensinamentos);
 - Desempenho dos apoios de Artilharia, Engenharia, Comunicações (erros, acertos, ensinamentos);
 - Desempenho do Apoio Administrativo (erros, acertos, ensinamentos);
 - Características dos comandantes (erros, acertos, ensinamentos);
 - Características reveladas pelo combatente (deficiências, pontos altos, ensinamentos);

- Desempenho das forças morais da guerra (deficiências, pontos altos, ensinamentos);
- Exemplos de prática das virtudes militares ou de desprezo das mesmas (ensinamentos);
- Influência relativa dos elementos do Fator Militar;
- Antecedentes operacionais de uma área onde se vá realizar viagens de Estado-Maior, exercícios e manobras militares, para exploração de ensinamentos que eles sugerem.

E poderíamos continuar a enumerar uma infinidade de objetivos.

A análise de lutas internas e externas das FTB, à luz da doutrina militar do Exército Brasileiro ensinada em suas escolas, propicia a melhor maneira de exercitar e consolidar os conhecimentos doutrinários adquiridos. E neste ponto assiste muita razão a Foch:

“Para sustentar em tempo de paz o cérebro de um Exército e prepará-lo para a guerra, não há livro mais fecundo que o da História Militar”.

Para o chefe, planejador, pensador e historiador do Exército Brasileiro, a análise da experiência histórica da Instituição assume especial relevo, no que ela encerra de patrimônio cultural militar terrestre. É ela que irá revelar as características do combatente brasileiro e do chefe ideal.

Desvendará as reações do terreno brasileiro às operações nele realizadas no passado. Caracterizará, além, suas direções estratégicas, vias de acesso, acidentes capitais e obstáculos naturais, hoje potenciais, se destruídas as obras de arte construídas para superá-los.

Neste particular penso, devam merecer alta prioridade a pesquisa e o estudo crítico da História de uma força considerada, quanto aos seus antecedentes operacionais relacionados com as Hipóteses de Guerra admitidas por seu país. Esta atividade, desenvolvida em caráter sigiloso, acredito será capaz de fornecer valiosos subsídios, com apoio histórico, para fundamentar e viabilizar os planos operacionais correspondentes às HG admitidas.

Enfim, ela propicia uma infinidade de conhecimentos e benefícios ao combatente brasileiro. Referente o FTB em 1977, conforme a Port Nº 61-EME, de 07 Out 77.

“O conhecimento da História Militar não só desenvolve o tirocínio. Contribui para evitar a repetição de erros, como permite a identificação de conceitos básicos, e por isso pouco mutáveis da doutrina militar e a identificação das características e peculiaridades do homem brasileiro, como chefe e como combatente e das próprias organizações e forças militares.

O Sistema de Classificação de Assuntos de História das FTB, Brasília, EME, 1971, sugere uma infinidade de objetivos de pesquisa da História do Exército. Transcrevemos antes a sua parte referente ao emprego das FTB em lutas internas e externas.

2 - Planejamento da pesquisa

Consiste na pesquisa preliminar para levantar as fontes necessárias à realização da pesquisa. Para isto recorrer-se-á aos instrumentos de trabalho do historiador. Eles abreviarão sobremodo esta fase, em benefício de maior tempo para os demais. Como instrumentos de trabalho citemos entre outros: bibliografias sobre o assunto, índices de periódicos e catálogos sobre coleções de fontes que reproduzem documentos encontrados em arquivos; Ex: Catálogo da Bibliex. Aqui o pesquisador encontrará grandes dificuldades pelo pouco desenvolvimento deste setor no Brasil. É crítica esta situação entre nós. O muito que foi feito é insignificante se comparado com o que deve ser feito.

Segundo José Honório Rodrigues, em **Teoria de História do Brasil**, “é a mais urgente tarefa da pesquisa histórica luso-brasileira, a publicação de inventários, catálogos, listas e elencos de manuscritos de arquivos, trabalho que de aparência humilde, exige, no entanto, saber enorme para que seja feita de maneira definitiva”.

Convém uma leitura desta obra para ter-se uma idéia da gravidade do problema no Brasil. Mesmo se o historiador no Brasil dispusesse de informações bibliográficas, hemerográficas e documentais sobre a pesquisa que pretende realizar, enfrentaria outro grave problema: Onde as fontes se encontram disponíveis? Geralmente, somente nos grandes centros culturais do país, e em arquivos de Portugal. Por exemplo: no caso das FTB, no Arquivo Militar em Portugal (4). A situação das fontes no Exército, bem como sua localização e conteúdo, serão abordados em local próprio.

O EME, no ano de 1977, reconhecendo a relevância do problema relacionado com as fontes, como a infra-estrutura da pesquisa histórico-militar, assim orientou o setor relacionado com as fontes de História do Exército:

“Atividades Referentes ao Patrimônio Histórico-Cultural do Exército

a) São consideradas como referentes ao patrimônio histórico-cultural do Exército as seguintes atividades:

- Registros históricos;
-

b) Atividade de Registros Históricos diz respeito à produção e preservação de fontes históricas, especialmente fontes escritas e as de imagem e som. Na sua execução será dada prioridade às seguintes tarefas:

- 1) Elaboração de registros históricos das organizações militares (OM);
- 2) Elaboração de almanaques de organizações militares, com denominação histórica, indicando, para cada OM, um resumo dos fatos que deram origem à respectiva denominação histórica;
- 3) Elaboração de um almanaque contendo todos os símbolos (insígnias, distintivos, estandartes, etc) em vigor no Exército;
- 4) Planejamento e execução da produção, preservação e difusão de registros de imagem e som, de interesse histórico para o Exército, como as

fotografias e filmes de eventos históricos, e reprodução de quadros históricos e a gravação de depoimentos de chefes militares;

5) Apoiada em modernas técnicas de informática, elaboração de uma bibliografia de fontes históricas, com a indicação dos locais onde as fontes citadas podem ser encontradas”.

Pesquisando História do Exército, há mais de 40 anos, para contornar o problema de fontes disponíveis e sua localização, tivemos que colecionar instrumentos de trabalho e principais fontes de interesse de nossas pesquisas. Isto tem-nos trazido grandes inconvenientes, particularmente por ocasião das transferências. Mas foi a solução que encontramos para contornar o problema e dominar, relativamente, as fontes de que necessitávamos.

A Diretriz do EME de 1977, na parte relativa à elaboração de bibliografia de fontes (entendida como a lista de todas as fontes da História do Exército e mais a classificação das mesmas à luz do Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres já citado), encaminhava mais do que satisfatoriamente o problema para o futuro. E prestará, além, uma grande colaboração à História do Brasil. E mais, a de procurar colocar efetivamente a História do Exército Brasileiro a serviço da formação profissional de seus quadros e do desenvolvimento da sua doutrina. Sonho, acalentado pelas antigas gerações do Exército desde a República e antes por Caxias.

Se a política do Exército referente a fontes históricas (descoberta, preservação, difusão e elaboração de listas bibliográficas, classificadas de acordo com o constante do Sistema de Classificação mencionado) encontrar obstáculos de implantação, trará negativos reflexos. Serão retardados os alevantados benefícios para o desenvolvimento do Exército, esperados de suas atividades no Campo da História.

Enquanto não for equacionado este problema, os chefes, pensadores, planejadores e historiadores do Exército perderão a maior parte do seu tempo no planejamento e na reunião de fontes. Tudo em detrimento de produção da matéria nobre - a elaboração histórica - ou a ferramenta a ser utilizada pelo Exército para a formação de seu pessoal e o desenvolvimento de sua doutrina. Tudo com os ensinamentos colhidos de sua própria experiência como instituição e força operacional. Dinamizou sobremodo este setor, no Exército, o Coronel Francisco Ruas Santos como se acha assinalado neste ensaio e foi o que fizemos na direção do Arquivo Histórico do Exército 1985-91.

Acreditamos que a implantação, mesmo temporária, de um Sistema de Atividades de História do Exército, de planejamento centralizado, já cogitado pelo Estado-Maior por volta de 1968, dinamizaria sobremodo o espírito da Portaria 61/77, do EME. Sistema sob a égide do EME, integrado pelo C Doc Ex, HHEX e pelas seções de História dos estabelecimentos de ensino.

3 - Coleta e busca de fontes pertinentes

Consiste na coleta das fontes históricas levantadas e localizadas no planejamento. E mais, na busca de outras não localizadas mas que se supõe devam existir. Fontes perdidas entre pilhas e pilhas de documentos, em repartições ou em arquivos particulares e oficiais. A coleta consiste em apanhar ou consultar a fonte onde ela se encontra.

A busca eqüivale ao trabalho de faiscador de ouro. É trabalhosa mas gratificante. Uma fonte inédita e bem explorada na interpretação, valoriza sobremodo a pesquisa. Milhares e milhares de documentos, não classificados ou relacionados, estão espalhados pelos arquivos brasileiros esperando seu descobrimento, para enriquecer a História do Brasil.

A busca enriquece a História do Brasil, mas deve o historiador conhecer normas de tratamento de documentos assim encontrados. Na dúvida, consultar especialistas no assunto.

Um recurso que se dispõe hoje é a cópia "xerox". Dispensa que seja o original manuseado e assim acelerada a sua destruição.

O acervo de fontes brasileiras catalogadas ou a infra-estrutura existente da História do Brasil, é o resultado de buscas executadas por milhares de heróis anônimos da preservação da Memória Nacional. Tarefa realizada desde 1838, com grande rendimento, pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro entre outras entidades. Como membro da CHEB tivemos a oportunidade de reunir, e de classificar por assuntos, importantes e básicos documentos da História do Exército, a partir da República. E mais, de preservá-los em pastas encadernadas. Hoje integram o Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro, o maior acervo de fontes da História do Exército.

4 - Crítica das fontes pertinentes à pesquisa

Esta é a fase mais complexa da pesquisa. Do grau relativo de sua perfeição, dependerá o grau relativo de cientificismo da pesquisa. Nas informações ela corresponde ao exame dos dados disponíveis. E do maior ou menor grau de perfeição deste exame, o analista se distanciará ou se aproximará mais da verdade que procura traduzir em sua Informação.

A qualidade da crítica na pesquisa histórica e do exame na produção de informações é quem confere a estas atividades um caráter científico.

Com auxílio das disciplinas auxiliares, de algumas regras pessoais ou transmitidas por outros historiadores, o pesquisador, ao criticar, deverá obter resposta para os seguintes itens relativamente a uma fonte:

- a) **Autenticidade:** A fonte é autêntica ou falsa?
- b) **Autoria:** Quem foi efetivamente seu autor? Na dúvida, socorrer-se à crítica de atribuição.
- c) **Data:** Quando foi produzida a fonte? Na dúvida, socorrer-se à

disciplina auxiliar - Cronologia, e à técnica de crítica de data.

d) **Localização:** Local onde foi produzida a fonte.

e) **Originalidade:** A matéria é original ou apoiou-se na exploração de outra fonte? Ou é de segunda ou terceira mão?

f) **Integridade:** A fonte sofreu acréscimos, modificações ou supressões propositais?

g) **Fidedignidade:** Se seu autor merece fé e se possui autoridade cultural para produzi-la.

h) **Veracidade:** Se a fonte traduz a verdade no total ou em parte.

i) **Valor:** Valor da fonte para a pesquisa, relativamente às demais.

j) **Suficiência:** As fontes reunidas são suficientes para a pesquisa histórica? Quais seriam as desejáveis que fossem encontradas?

A crítica de uma fonte histórica comporta, na realidade, duas fases: A crítica de autenticidade (englobando inclusive autoria, data e local) e a crítica de qualidade (integridade, originalidade, fidedignidade, veracidade, valor relativo e suficiência).

Regras práticas de Herculano: Alexandre Herculano, com apoio em Mabillon e Fleury, adotava regras práticas de crítica histórica. Apresentá-las a seguir de forma sintética, com adaptações e acréscimos, para torná-las mais objetivas e de maior índice de inteligibilidade e assim mais instrumentais:

1 - Para não aceitar o falso como verdadeiro:

- não se deixar dominar por afeições particulares dos historiadores;
- avaliar com cuidado a idoneidade e a sinceridade do autor;
- obter resposta sobre o que moveu o autor a produzir a fonte histórica. Se o autor é engajado a serviço de interesses de grupos políticos, econômicos, sociais nacionais ou estrangeiros; e
- procurar concluir sobre algumas características do autor que podem distorcer seu trabalho (preconceitos, vaidades, imaturidade e a filosofia em que se apoia em suas interpretações).

2 - Adotar, em igualdade de condições, o autor contemporâneo com relação ao fato pesquisado, ao invés do autor moderno, ou mais afastado do fato, no tempo:

- certificar-se se o autor contemporâneo foi original. Se não copiou. Se é prudente nas suas afirmações. Se não apoia seu trabalho em considerações vagas; e

- caso contrário, adotar o mais moderno. Desde que apresente trabalho maduro e esteja apoiado em fontes sérias e sólida argumentação;

3 - Desconfiar de fatos abordados por historiadores modernos, não mencionados por historiadores contemporâneos;

4 - Prevenir-se com todo o cuidado para não se deixar enredar por autores falsos, inventados com fins diversos;

5 - Não desprezar qualquer autor sincero e preciso;

6 - Não desprezar os antiquários, autores de resumos históricos e compiladores;

7 - Adotar o testemunho de um autor fidedigno, melhor do que o de cem de menos fé. Os de menos fé foram repetindo os outros, sem discussão e crítica;

8 - Preferir os documentos da época, aos autores a ela contemporâneos;

9 - Não fundamentar-se “na inumerável multidão de casos que os modernos atribuem aos santos”. Esta regra é importante na História Militar, em se tratando de grandes personalidades, onde os desavisados passam a atribuir qualidades e características desejáveis aos heróis que se incorporam à tradição e talvez à própria História. Muitas vezes, olvidam abordar qualidades excelsas da personagem e projeções relevantes de suas obras.

O Patrono do Exército Brasileiro enquadra-se neste caso. O monopólio da evocação de sua vida e obra no Exército descaracteriza a sua real dimensão e projeção no Brasil e na América do Sul. Em certos casos chega ao extremo de diminuir sua verdadeira dimensão. É olvidada, por vezes, a projeção de sua obra: como presidente do Maranhão e Rio Grande do Sul; como deputado pelo primeiro e senador, por cerca de 30 anos, pelo segundo e como Presidente do Conselho de Ministro por três vezes, para não nos alongarmos mais.

O curioso é que o amadorismo neste setor, acreditando dar maior relevo à personalidade, a sufoca e impossibilita ou dificulta, aos especialistas, recomponem o fato histórico em toda a sua real grandeza e projeção.

A não observância desta regra leva, por outro lado, a atribuir-se aos chefes adversários só defeitos, tornando-se difícil, pelo menos, estudá-los do ponto de vista militar, para deles obter-se ensinamentos valiosos de Ciência e Arte Militar.

Por exemplo: No campo militar. Gumercindo Saraiva fornece grandes ensinamentos. E isto conclui pesquisa da ECEME, em 1962, ao estudar a Revolução Federalista.

O amadorismo em História do Exército tem determinado a consagração, em denominações históricas, de algumas personagens não julgadas no tribunal da História. A prudência aconselha, nestes casos, um processo semelhante à canonização de um santo. Primeiro uma denominação provisória, até a certeza histórica para a denominação definitiva.

O historiador brasileiro, ao proceder a crítica das fontes, além de outras qualidades deve exercitar-se nas grandes virtudes: caridade, humildade e firmeza.

Caridade para compreender as circunstâncias em que elas vêm sendo produzidas por várias personagens anônimas, empenhadas na tarefa patriótica de preservar a Memória Nacional. Patriotas que não tiveram oportunidade de freqüentar cursos específicos ou condições econômicas ou apoio oficial para exercitar a tarefa em toda a sua plenitude.

Humildade para convencer-se de que o muito que pensa que sabe em matéria de História do Brasil é muito pouco, comparado com a magnitude de sua problemática.

Firmeza para não permitir que seja confundido o pouco que sabe sobre História, com o muito que grande maioria que a ela não se dedica desconhece (5).

Alexandre Herculano exercitou a caridade e a humildade ao aconselhar que não fosse desprezado nenhum autor sincero, os antiquários, autores de resumos históricos e compiladores. Mas foi firme com os falsos e os insinceros.

A preservação da Memória Nacional é obra de equipe. Qualquer trabalho, por mais simples que seja feito neste sentido, desde que sincero e patriótico, possui valor e seu autor merece o mais profundo respeito cívico.

Outra regra prática a considerar seria:

Entre os trabalhos de um autor, pertinentes à pesquisa, adote o último ou os últimos:

- É com a prática que ele desenvolve o conhecimento e o engenho e arte na pesquisa. E, assim, se torna mais maduro e precioso.
- Muitos autores, se possível, mandariam destruir suas primeiras pesquisas ou as reformulariam no todo ou em parte.

Fontes suficientes: Nem sempre o historiador encontrará fontes suficientes para a pesquisa que pretende realizar. Às disponíveis permitirão que ele responda, superficialmente, a alguns dos objetivos ou que nada possa fazer relativamente a outros.

Na História Militar do Exército já tentou-se fazer a História de Combates de Pequenas Unidades do Exército, destinada ao nível de ensino na AMAN. Foi impossível realizar esta relevante tarefa com fins educativos, por ausência de fontes.

Como substitutivo recorreu-se ao excelente trabalho estrangeiro traduzido pelo Ten-Cel Celso dos Santos Meyer:

Ação das Pequenas Unidades Alemãs na Campanha da Rússia. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1964.

É possível que um esforço na localização e produção de fontes relativas à FEB no escalão companhia, bateria e esquadrão, venha a permitir este alevantado objetivo didático.

E muitos dos comandantes de subunidades e pelotões da FEB poderiam produzir fontes (depoimentos, memórias, artigos) que viessem a permitir a concretização de projeto desta natureza, de relevância para o ensino militar.

A História do Exército Brasileiro apresenta outras impossibilidades de tratamento de aspectos operacionais relativos a lutas internas e externas, por insuficiência ou falta absoluta de fontes. Muitos eventos encontram-se irremediavelmente apagados, na Memória do Exército, do ponto de vista de aproveitamento, para fins didáticos e desenvolvimento de sua doutrina.

A Portaria 61/77-EME orientava o Exército neste sentido. Considerou participantes das suas atividades de História, inclusive da infra-estrutura

dessas atividades - a preservação de fontes históricas, “todo o pessoal e todas as organizações que integram o Ministério do Exército”.

Até então este trabalho vinha sendo atribuição de poucos. Os demais cuidavam de suas atividades específicas e lamentavam o pouco desenvolvimento do setor, sem nada poderem fazer na esfera de suas atribuições para dinamizá-lo.

Dentro dessa filosofia era de se esperar que todos os integrantes do Exército, particularmente os chefes em todos os escalões, passassem a viver os problemas relacionados com o desenvolvimento da História do Exército e a implementá-la na esfera de suas atribuições.

5 - Processamento da pesquisa

a - Reconstituição da fato histórico: Objetiva reconstituir o fato histórico dentro dos limites permitidos pelas fontes históricas pertinentes. Fontes que o historiador conseguiu reunir em seu esforço de coleta e busca. A reconstituição será feita de maneira ordenada e lógica em função dos objetivos formulados no planejamento. Abrange três fases, após a ordenação.

Ordenação das fontes: - Inicialmente, o pesquisador irá relacionar todas as fontes históricas pertinentes que reuniu. As designará de acordo com normas técnicas brasileiras específicas (ABNT). Depois as lançará em quartos de folhas de papel, previamente cortadas conforme exemplo a seguir.

Este artifício permitirá a separação de livros, artigos e documentos por ordem alfabética. Possibilitará, assim, a elaboração da lista bibliográfica - devidamente ordenada - das fontes reunidas. Permitirá também a separação dos livros, artigos e documentos por data de produção. Esta disposição facilitará a análise das fontes, em função da data em que foram produzidas, a partir das mais contemporâneas ao fato a pesquisar. À ordenação segue-se a análise. Os exemplos seguintes ilustram o artifício mencionado:

Espécie - L(livro)
H - Ordem alfabética
Data - 1972
HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO - PERFIL MILITAR DE UM POVO. Brasília: EME, 1972, 3v.

Espécie - D(documento)
P - Ordem alfabética
Data - 1977
PORTARIA 61 - EME, DE 07 Out 77 - Atividades do Exército no Campo da História - Diretriz (EME - QG Ex - SMU - Brasília-DF).

E - Espécie - L
Data - 1971

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO - Sistema de Classificação de Assuntos de História das Forças Terrestres Brasileiras. Brasília: EME - CHEB, 1971.

C - L
1959

CIDADE, Francisco de Paula. **Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1959.

P - D
1970

PROJETO DE NORMA PARA REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Rio de Janeiro.

Obs: As normas da ABNT em vigor são instrumentos básicos do pesquisador, para a estruturação de sua pesquisa para publicação. E devem ser estudadas e observadas pelo pesquisador no que for pertinente. O auxilia a estruturar as provas históricas de seu trabalho e conseqüente apreciação das mesmas.

R - L
1960

RAPOSO, Amerino, Filho. **A Manobra na Guerra**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1960

F - D
1945

FEB - COLEÇÃO DE DOCUMENTOS OFICIAIS - 1945 (Biblioteca do Centro de Documentação do Exército - QG do Exército - SMU - Brasília-DF).

E - D
1960

ESCOLA DE ESTADO-MAIOR. O Combatente Brasileiro na Itália - Características e peculiaridades. Pesquisa realizada em 1962 pelos alunos da ECEME. (Exemplar único da Biblioteca do Centro de Documentação do Exército - QG do Exército - SMU - Brasília-DF).

T -

L
1965

TAVARES, Auxélio de Lyra. **Exército e Nação**. Recife: UFPE, 1965.

M -

L
1958

MAGALHÃES, João Batista. **A Evolução Militar do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1958.

R -

L
1946

RIO BRANCO, Barão do. **Efemérides Brasileiras**. Rio de Janeiro:, Ministério das Relações Exteriores, 1946.

M -

L
1932

MONTEIRO, Pedro Aurélio de Góes. **A Revolução de 30 e a Finalidade Política do Exército**. Rio de Janeiro: 1932.

A -

L
1975

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **A Evolução da Arte da Guerra**. Resende: Ed. Acadêmica, 1975.

E -

L
1977

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA. Expressão Militar do Poder Nacional; in: **Manual Básico 1977-78**. Rio de Janeiro: ESG, 1977.

C -

L
1959

CALMON, Pedro. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio - 1959.

R -

L
1949

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Ed. Progresso Editorial, 1949.

M -

A
1935

MONTEIRO, Jonathas do Rego. Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul. **Revista Militar Brasileira**, 1935, Nº 1-4.

F -

L
1964

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1964 (Coleção).

S -

L
1960

SANTOS, Francisco Ruas. **Coleção Bibliográfica Militar**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1960.

E -

L
1966

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO - **Marechal Castelo Branco - seu Pensamento Militar**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1966.

W -

L
1934

WIEDERSPHAN, Henrique Oscar. **Cannae e nossas batalhas**. Rio de Janeiro: A Noite, 1934.

(Estuda as batalhas brasileiras de Avaí, Tuiuti, Catalan, Sarandi, Passo do Rosário, Monte Caseros, Curuzu, Curupaiti, Lomas Valentinas, Campo Grande).

A -

L
1950

AZEVEDO, Pedro Cordolino. **História Militar Geral e do Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950, 2v.

(Aborda assuntos do ensino militar de História Militar em Realengo e na AMAN de 1923 a 1949. Foi organizado pelo General Cordolino, catedrático da matéria e professor do assunto durante 26 anos).

A -

L
1960

ARARIPE, Tristão Alencar de. **Tasso Fragoso**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1960.

C -

L
1960

CASTELO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1960.

M -

L
1977

MALAN, Alfredo Souto. **Uma Escolha, Um Destino**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1977.

Análise:

- Consiste na leitura das fontes, com prioridade para os documentos. A seguir, artigos e livros na ordem cronológica em que foram produzidos (a partir da data mais contemporânea ao fato pertinentes à pesquisa).

Para melhor conduzi-la, é de grande valia prática a utilização de fichas de pesquisa, conforme exemplo a seguir.

Elas foram utilizadas em pesquisas históricas realizadas pelos alunos da ECEME, por volta de 1960-62. Na Escola Nacional de Informações se revelaram úteis, com adaptações, para a análise na produção de informações.

Abrimos uma ficha para cada item do objetivo da pesquisa. Durante a análise registramos os dados de interesse pertinentes a cada ficha.

Se, por exemplo, o objetivo é estudar a observância ou inobservância dos

princípios de guerra numa batalha, são abertas fichas com os seguintes subtítulos: Objetivo, Ofensiva, Manobra, Simplicidade, Segurança, Unidade de Comando, etc... A utilização das fichas para pesquisar a História Militar do Exército será função do engenho e arte de cada pesquisador.

Os dados retirados poderão ser registrados na forma de transcrições, para posterior utilização, ou de paráfrases. Estas, síntese da idéia colhida no texto, traduzida nas palavras do pesquisador.

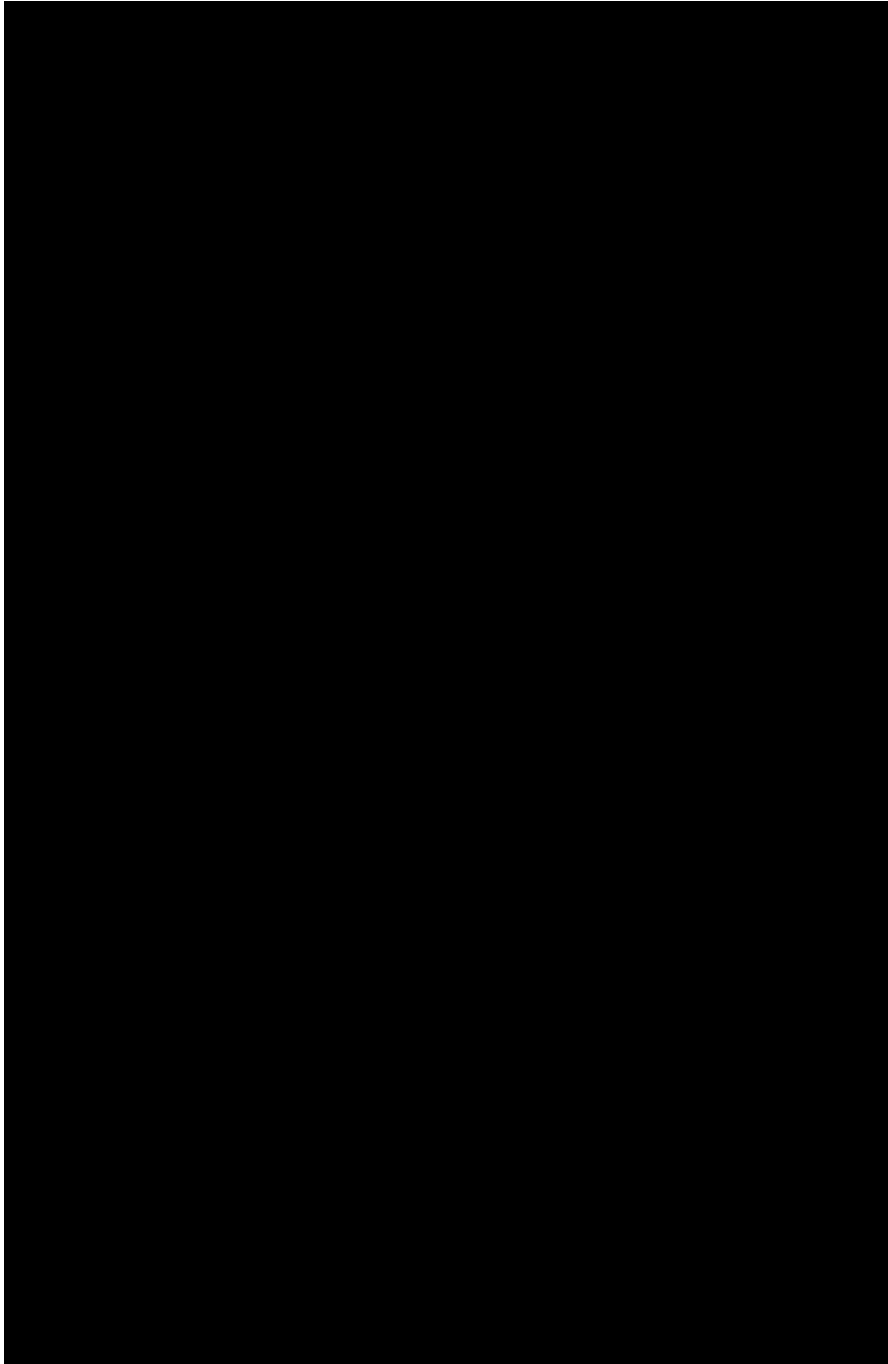
As fichas, quanto à qualidade do material, poderão variar da folha de papel jornal à cartolina. Se produzidas em exercícios escolares, poderão prestar valiosa contribuição as pesquisas posteriores e passarão a ter o valor de fonte histórica.

Pesquisa realizada pelos alunos do 3º ano da ECEME, em 1962, sobre o Comportamento do Combatente Brasileiro na Itália, utilizou os seguintes aspectos:

- espírito de iniciativa;
- coragem e bravura
- medo e covardia;
- espírito ofensivo e defensivo;
- adaptação às normas de disciplina;
- resistência física;
- espírito de corpo;
- capacidade de chefia e liderança;
- disciplina intelectual;
- afeição aos superiores, subordinados e espírito de camaradagem;
- espírito de sacrifício; e
- individualismo.

Aspectos estudados à luz de alentada bibliografia e depoimentos de chefes que participaram da FEB. Cada aspecto foi estudado à luz de critérios positivos e negativos de influência - relacionados com o meio psicossocial - reflexos da organização militar e dos processos de combate, repercussão do apoio logístico e implicações do uniforme e equipamento em uso. O C Doc Ex possui exemplar da referida pesquisa.

A informática, através do recurso do computador, poderá dar mais velocidade a este registro, abrindo-se arquivos com os nomes de cada aspecto a pesquisar, facilitando a sua colagem posterior no corpo da pesquisa, se necessário.



Lançados todos os dados em cada ficha, mentalmente o pesquisador os processará detectando confirmações, contradições e semelhanças. Tudo para distinguir o que é verdadeiro do impreciso, tendencioso, inconsistente ou mal interpretado. É mais um exercício de crítica histórica.

Aqui aplicar a primeira regra do método de Descartes: Não aceitar nada como verdadeiro, sem evidência. E as evidências estarão nas fichas de análise para convencê-lo.

Integração:

- Integrar os dados retirados da análise. Ou as evidências de que o aspecto que estuda na ficha ocorreu em realidade. Partir dos dados mais simples para os mais complexos e obscuros. A seguir relacionar todos os dados entre si.

A análise, no processamento da pesquisa histórica, equivale a decompor o todo em partes que respondam a cada objetivo da pesquisa.

A integração equivale a reconstituir as partes julgadas mais importantes da análise num todo reconstituído, com determinado objetivo.

A análise é decomposição e a integração é composição de evidências.

Reconstituição propriamente dita:

- Tendo como farol o objetivo da pesquisa, reconstituir cada aspecto analisando conforme ele de fato ocorreu.

Esta reconstituição será usada pelo pesquisador na exposição do trabalho. Constitui o alicerce de sua interpretação do fato, o significado do mesmo.

No caso de pesquisa objetivando estimar efeitos de um fato no futuro, ele deverá ser reconstituído em função dos fatores de influência (persistência e mutação) detectados, básicos da previsão. Este tipo de pesquisa é muito útil na análise de manobras militares. Ela fornece, às autoridades responsáveis, sólidas indicações de providências a adotar para a correção de deficiências de organização, instrução e equipamento, observadas no curso de uma manobra e na de outras que a antecederam. O que mudou para pior ou melhor? O que persiste de erro? Por que persiste? Como corrigir? Quais as medidas a adotar no futuro?

b - Interpretação histórica: Deve traduzir o significado do fato analisado, integrado e reconstituído. É a parte mais complexa da pesquisa e trabalho essencialmente mental. Com apoio nas evidências reveladas na análise e integração, o historiador realiza a sua interpretação ou interpretações.

A interpretação é a parte mais nobre da pesquisa. Ela deverá responder, tomando como exemplo os objetivos, a Diretriz de Atividades do Exército no Campo da História do EME, em 1977:

Quais os ensinamentos doutrinários que ela sugere, de utilidade para a instrução dos quadros e tropa do Exército?

Quais os subsídios que sugere sejam incorporados à doutrina do Exército como força operacional?

Quais os ensinamentos que sugere ao Exército, como Instituição, no sentido de erros a serem evitados no futuro, ou acertos a consagrar?

Quais os erros e acertos cometidos pelo Exército no passado em seu objetivo de preservar e divulgar seu patrimônio histórico-cultural?

A interpretação pode traduzir ensinamentos ou lições da História, causas e conseqüências, ou relação de causa e efeito de um fato, ou sua mais provável evolução no futuro, à luz dos fatores de influência detectados pelo historiador. Este último produto é de real utilidade, por exemplo, aos dirigentes dos destinos do Exército, para moldarem seu futuro, de forma que não se concretizem os efeitos não desejados.

Não é a reconstituição de um fato, apoiado em fontes autênticas publicadas junto com o trabalho, que desenvolve a História. Mas sim, a sua interpretação ou seu significado, sob a forma de ensinamentos úteis que ele sugere.

É a boa e madura interpretação que renova a História e a consagra como a “mestra das mestras” ou “mestra da vida”.

Função da filosofia de interpretação de cada autor, entendida como sua escala axiológica ou escala de valores, teremos interpretações diferentes.

Um historiador, da corrente idealista, interpretará de modo diverso do historiador da corrente materialista. Dois historiadores de países que guerrearam entre si, interpretarão a guerra de maneira diversa. Cada qual à luz dos objetivos nacionais permanentes de sua nação. Um historiador mundial (neutro) terá sua escala de valores para considerar de modo imparcial as interpretações acima mencionadas, dando lugar a uma terceira interpretação. Conclui-se que a interpretação é função do posto de observação do historiador mundial, nacional, regional, local, etc. Seria difícil um historiador brasileiro, à luz dos ONP do Brasil, passar a considerar Calabar e Joaquim Silvério dos Reis heróis nacionais e a Tiradentes um traidor do Brasil que teve seu merecido castigo - a forca.

Agora um caso hipotético. Do ponto de vista militar profissional e de chefe de família poder-se-ia provar, como exemplo, que Calabar e Joaquim Silvério dos Reis foram competentes profissionais e bons chefes de família e, ao contrário, Tiradentes, um militar medíocre.

Esta visão militar profissional e de chefe de família, de Calabar e Silvério dos Reis, nada acrescentaria às suas obras de traidores, aos olhos do historiador brasileiro.

A deficiente visão militar profissional e de chefe de família de Tiradentes, exemplo hipotético repito, em nada diminuiria a projeção de sua grande obra para o historiador brasileiro.

O historiador especializado deve ter cuidado, em seus esforços interpretativos, para não analisar os fatos, objeto de sua pesquisa, isolados do conjunto. Poderá cair em erro grave e descrédito.

Na História Militar, por exemplo, o estudo de uma batalha, do ponto de vista técnico, permite este tipo de estudo isolado e neutro, sem considerações de causas remotas, políticas e econômicas, que poderiam, inclusive, causar embaraços diplomáticos com o adversário de ontem e amigo de hoje. O que se objetiva é explorar didaticamente um ensinamento técnico e neutro de Arte e Ciência Militar.

Muitos historiadores, não entendendo esta peculiaridade, têm criticado trabalhos deste tipo, por omissão de causas remotas, etc, básicas na pesquisa histórico-científica.

c - Síntese: É uma grande conclusão a que se reduz o esforço de análise e interpretação do fato histórico. Vejamos um exemplo. Estudada pela ECEME o comportamento do combatente brasileiro na FEB, e em outras campanhas anteriores, foi possível o seguinte: Da análise das fontes disponíveis sobre a FEB, foram extraídas evidências que comprovaram e permitiram interpretar que o combatente brasileiro naquela campanha reagiu a normas disciplinares rígidas. Foi mais sensível à liderança coração a coração. Ou, a um elo sentimental com o seu comandante, na forma de chefe e amigo, e de subordinado e amigo. Relação que impulsionou mais o combatente brasileiro a cumprir o seu dever do que a letra fria do regulamento, sem um tempero afetivo chefe subordinado e vice-versa.

O estudo de campanhas anteriores permitiram interpretações semelhantes.

Como síntese interpretativa de tudo isto poderíamos afirmar: “O combatente brasileiro em campanha não se adapta a normas disciplinares rígidas”. A utilidade desta síntese seria relevante para o desenvolvimento da doutrina do Exército. Orientaria a formação do perfil ideal do chefe militar, para trabalhar com esta realidade.

Outro exemplo de síntese:

“De 1622-1654 os holandeses tentaram fixar-se sem sucesso no Nordeste do Brasil. Com a expulsão dos mesmos foi assegurada a Integridade e a Unidade do Brasil Colonial”. Quanto esforço de crítica de fontes, análise e interpretação, foi necessário fazer por milhares de historiadores para chegar-se a esta síntese.

Outras sínteses relacionadas com as Batalhas dos Guararapes:

- “Nestas colunas sagradas dos Guararapes, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou, para sempre, a base da nação brasileira” (Gen Mascarenhas de Moraes, 1945);
- “Nestes montes... em verdade fixou e definiu o luso-brasileiro o seu direito à terra. Tornou-se pela força das armas o seu dono” (Pedro Calmon);
- “Nas duas Batalhas dos Guararapes escreveu-se a sangue o destino do Brasil. O de ser um Brasil só e não dois ou três” (Gilberto Freyre);
- “O Exército Brasileiro nasceu em Guararapes” (Gen Flamarion

Barreto).

Todos os conhecimentos úteis transmitidos nas escolas, são síntese das histórias da Matemática, da Física, da Geografia etc. A própria doutrina do Exército é uma síntese da História do Exército Brasileiro e da História Militar Mundial.

São conhecimentos provados no maior laboratório da Arte e Ciência Militar - a guerra. Ou, dela deduzidos sob a forma de estimativas para o futuro. O marechal Castelo Branco, entre nós, foi um mestre da síntese histórica. Tem muito a ensinar. A obra da ECEME, sob o título Marechal Castelo Branco - seu Pensamento Militar, é pródiga em exemplos de sínteses.

As informações se acumulam nos dias de hoje, em escala geométrica. Nesta conjuntura, a síntese histórica assume especial relevo para quem pretenda acumular o máximo de conhecimentos. Muita razão tinha um companheiro quando reagia a longas exposições ao dizer: "Não me interessam detalhes. Eu quero é a síntese, o molho, a idéia focal, a essência de tudo isto. Eu alimento o meu cérebro de sínteses".

Portanto, a síntese seria uma idéia importante a resumir todo um fato histórico aqui abordada.

Talvez se pudesse dizer que a interpretação do fato traduz o seu significado e a síntese sua utilidade didática ou científica, a serviço do progresso das diversas atividades da humanidade.

Em data, recente estudamos a batalha do Passo do Rosário quanto aos fatores da decisão (missão, terreno, inimigo e meios) - DN Nº 672 - 1977 - e chegamos às seguintes sínteses:

- O Exército do Sul retirou-se do campo de batalha em razão de incêndio no mesmo, avivado por vento adverso. Incêndio que após seis horas da retirada envolveu quase toda a posição que ocupara anteriormente. Retirada determinada por um imponderável do combate. O Exército do Sul, que lutou em Passo do Rosário, foi improvisado para uma emergência. E nele o Exército Brasileiro se fez representar com 56% do efetivo;

- Que esta improvisação era conseqüência de atitudes hostis e antimilitaristas de lideranças de segmentos influentes da sociedade brasileira, logo após a Independência. Lideranças adeptas da política de erradicação do Exército e da Marinha, partindo da argumentação: "Forças Armadas numerosas e permanentes são uma ameaça à liberdade, à democracia, à prosperidade econômica e à paz";

- Daí o ensinamento: A Expressão Militar do Poder Nacional não se improvisa. Ela exige um esforço continuado de toda a nação no sentido de bem organizá-la, equipá-la, instruí-la e motivá-la, para que, quando empregada, assegure os resultados esperados;

- Barbacena ao acreditar que o exército adversário fugia precipitadamente contrariou um princípio de informações militares: Resistir a ser influenciado por um clima de opinião generalizada, sobre as intenções do inimigo.

- Clássica e modelar é esta síntese do Gen Paula Cidade, após demorada análise e interpretação, com vistas a aprender o espírito militar português, que presidiu a expansão portuguesa por todo o mundo e tão bem cantada em versos em Os Lusíadas, de Camões: "Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios".

6 - Elaboração da pesquisa para difusão

Consiste na redação e apresentação da pesquisa para comunicação a alguma entidade ou publicação. Ou a difusão da informação histórica resultante da pesquisa.

O historiador deverá usar de engenho e arte para que ela desperte interesse e produza, assim, os efeitos que deseja.

Sendo a História incontestavelmente importante, seus leitores têm diminuído de modo sensível desde a época anterior ao rádio. E são unânimes os historiadores em registrar o desprestígio do assunto nas preferências do leitor brasileiro. Talvez a culpa se deva, em parte, à parcela de historiadores que resistem em adaptar-se aos novos tempos. Antes do advento do rádio, quando só se dispunha de livros e jornais, a leitura de trabalhos históricos, densos e sobrecarregados de notas, encontrava bastantes adeptos.

Hoje temos a Internet, o rádio, cinema, televisão, revistas e livros em profusão, a cada dia mais ilustrados, disputando a preferência e atenção do leitor sobre livros de história, de textos pesados e cansativos, somente consultados por poucos especialistas.

Até os jornais hoje procuram a síntese na comunicação de suas matérias, para disputar a atenção de seus leitores. As revistas e a televisão principalmente, usam, ainda, a imagem.

Este quadro é inglório para um livro de história. Às vezes o leitor interessado inicia a leitura, mas termina abandonando o assunto, em prol de distrações mais agradáveis e leves.

Parece que os historiadores devem reformular por completo os processos de exposição de pesquisas e conquistar páginas na internet, em revistas e posições em rádio, filmes e televisões para a difusão de suas pesquisas a diversos níveis de públicos. Só assim, acredito, recuperarão o prestígio da História do Brasil perante o grande público, além de despertar novas vocações e ampliar o restrito campo de trabalho para historiadores.

Do contrário, os poucos que restam correm o risco de morrerem com suas mensagens. Ou as transmitirem a um núcleo muito restrito. Penso seja

assunto relevante para ser objeto de uma análise mais profunda. Por exemplo, existe pesquisa histórica que a prova histórica (notas, bibliografias, etc) absorve mais da metade do livro, onerando-o sobremodo.

Ela é editada, por exemplo, em 3.000 exemplares. Creio que o leitor comum se limita à leitura da parte expositiva. Talvez uns trinta estudiosos entrem no mérito da prova histórica.

Creio que uma forma seria: com engenho e arte, publicar a edição da parte expositiva, sem a prova histórica. Esta poderia ser reproduzida em xerox e doada a algumas instituições culturais, à disposição dos consulentes desejosos de entrarem no seu mérito. Poderiam mesmo, alguns reproduzi-la, por sua conta, para suas pesquisas.

Temos nos utilizado deste recurso desde 1978.

Acredito que um dos problemas da História do Brasil reside, fundamentalmente, nos processos utilizados para sua comunicação ao grande público brasileiro.

a. Introdução: Uma introdução deve ser concisa, abordando objetivos e condicionamentos da pesquisa, e podendo também abordar conclusões. Deve dar idéia ao leitor do todo da pesquisa. Ela exige muito esforço de síntese e engenho e arte do historiador. Ela é a isca que atrairá o leitor ou despertará o seu interesse. Sua elaboração é muito pessoal. Não é aconselhável ultrapassar 3/4 de uma folha. Na produção de um artigo para uma revista militar, após reservado o espaço para o título do trabalho, nome e dados sobre o autor, a introdução não deverá ultrapassar a primeira folha. É ideal que seja impressa em negro e em corpo de letra um pouco maior que a do desenvolvimento.

Conforme o tipo de trabalho, ela deverá abordar as conclusões do mesmo. Em pesquisa histórica, será desejável que nela seja abordada a síntese histórica, ou a interpretação das interpretações. **É prática consagrada e racional, apresentar trabalhos pelas conclusões. Principalmente para clientes em altos níveis de administração e direção, para os quais o tempo é ouro. Para eles as conclusões são suficientes. Caso discordem das mesmas no todo ou em parte, penetrarão no restante do trabalho.**

Os dirigentes de alto nível trabalham com sínteses. Não possuem tempo para a leitura de alentados relatórios. O jornal, por exemplo, utiliza a manchete como introdução e síntese da notícia, e logo a seguir o seu desenvolvimento.

A manchete serve ao leitor para selecionar os assuntos que irá ler. Sua simples leitura já lhe fornece uma informação satisfatória.

Assim, a introdução de uma pesquisa deverá ser rica em idéias focais e dar ao leitor uma idéia do todo da pesquisa e também uma idéia de suas conclusões.

b. O Desenvolvimento: É a exposição da pesquisa ou reconstituição do

fato à luz dos objetivos da mesma, enunciados no planejamento. Será desejável que se desenvolva em linguagem clara, precisa, concisa, objetiva direta e inteligível para o leitor comum. Não deve por outro lado ser fria. Um pouco de emoção a tornará atrativa. E este é um problema de estilo: dar espírito ou vida a um assunto assim apresentado. Na última guerra os relatórios de informações dos ingleses eram muito apreciados pelos americanos. Os destes eram frios e sem vida. Os dos ingleses além de precisos, possuíam vida e emoção o que tornava a sua leitura, além de um dever, um prazer.

A quebra da exposição com subtítulos sugestivos, além de descansar o leitor o atrai a prosseguir até o fim. Esta técnica foi utilizada na redação da História do Exército Brasileiro. O bom jornalista a domina e dela obtém bons resultados. É aconselhável escoimar a exposição de aspectos irrelevantes. Cada frase deve conter o máximo de idéias possíveis.

Devem ser feitas referências no texto do desenvolvimento, as quais - devidamente numeradas - ordenarão as notas constantes no final de cada capítulo ou no final do livro ou artigo, conforme o autor julgar conveniente. Tais notas fazem parte de prova histórica, tratada mais adiante. (Consultar-se as Normas da ABNT aplicáveis no caso).

Exemplos de referências:

- Segundo Lysias A. Rodrigues, em 1947:

“O segundo problema geopolítico, de âmbito interno, que o Brasil precisa resolver, é o da mudança de sua capital federal, da cidade do Rio de Janeiro para o interior do país” (1).

- Segundo o Marechal Castelo Branco, em 1946:

“Na Itália, durante a 2ª guerra, ouvia-se, entre os oficiais brasileiros, perguntas em que transparecia o contraste que estabeleciam entre o ensino nas respectivas escolas e os planos então em execução. O contraste explicava-se pelo fato de que, nas escolas, em tempos de paz, estudam-se os elementos básicos das operações e não o exercício de operações em todas as zonas de cada TO. E, na Itália, fazia-se a guerra dos Apeninos e a do Pó, e não a guerra tipo americana, brasileira ou francesa” (2).

- Segundo Tasso Fragoso, em 1927:

“Pouco a pouco me convenci de que o estudo dos episódios guerreiros das gerações que nos precederam, feito com serenidade e reflexão, é salutar aos moços que vestem farda, pois lhes retempera o caráter e proporciona sólidos conhecimentos para julgarem questões imprevistas e por vezes, incandescentes, em que as paixões dominantes, sem as luzes da verdadeira história, acarretariam os maiores desastros. E assim me embrenhei na meditação do passado. Quanto mais o investigava para saciar a minha curiosidade e ignorância, mais se me afigurava urgente a necessidade de chamar para ele a atenção de meus jovens companheiros de armas” (3).

- Segundo Lyra Tavares, em 1955, ao falar de seu tempo de cadete do

Realengo referiu:

“Ali, começamos a conhecer melhor a história do Brasil e o grande papel que nela desempenhou o Exército, não apenas como força armada, mas também como poder de ação catalítica e como instrumento de realização ativa, no desenvolvimento das grandes etapas do processo histórico da evolução da nacionalidade.

A história do Brasil, a cujo estudo ainda hoje me dedico, não era para o ensino, em Realengo, apenas um campo de conhecimento necessário à finalidade de nossos estudos, à formação básica do nosso espírito. Era, também, um catecismo cívico para os que como nós, se destinavam, como cidadãos ou como soldados, ao serviço da sociedade e da Pátria.

O ensino de história servia, assim, como em todas as grandes nações do mundo, de poderoso instrumento à educação, porque é sobretudo através da história que o patriotismo adquire substância, passando a ser, também, um estado da consciência, em vez de apenas um sentimento inato de amor à terra em que se nasce.

A noção do que custou às gerações do passado, a obra de construção da nacionalidade incute no cidadão, que se educa no culto da história de sua pátria, mais do que o orgulho contemplativo ante sua grandeza presente, o dever que lhe cumpre, a responsabilidade que lhe cabe e o papel que ele representa, na preservação de seus destinos” (4).

- Segundo ainda o Marechal Castelo Branco, ao apreciar o campo doutrinário das forças morais na FEB:

“A FEB era bem democrática. E nela o brasileiro estava, por isso, bem representado com seus defeitos e qualidades. Esse combatente não sabia o que era a guerra, nem estava psicologicamente preparado para ela. Mas adaptou-se e demonstrou solidariedade imensa no combate. A coesão ligou uns combatentes aos outros, a disciplina adequada surgiu, e, assim, também, a confiança. Fator importante para a criação dessas forças morais da FEB foi a instrução individual e coletiva, desenvolvida durante a fase de estabilização, no inverno de 1944-45” (5). (O grifo é do autor).

- Segundo a AMAN, em 1978, são seus objetivos de História Militar:

“O entendimento da íntima relação existente entre a Geografia, a História, a Ciência e a Tecnologia e suas influências na Evolução da Ciência da Guerra;

O conhecimento da Geografia e da História Militar dos povos, particularmente latino-americanos, e seu relacionamento e reflexos no Brasil; e

A apreciação das virtudes e qualidades de lideranças de chefes militares, particularmente brasileiros, bem como a sabedoria de suas decisões” (6).

- Em julho, de 1949, segundo o Ten-Cel João Tavares Filho, Majores Garry Martins Lima, Délio Lobo Viana, Moacyr Lopes de Rezende e Oscar Luiz da Silva, e Capitães Hermann Bergqvist, Humberto G. S. de Avelar e Hudson S. de Souza (todos ex-adjuntos de História Militar na AMAN):

“Prezado mestre Coronel Cordolino: Nós ex-adjuntos da cadeira de História Militar (AMAN)... com elevada honra lemos, em primeira mão, o presente livro (História Militar) dedicado aos oficiais do Exército Brasileiro e particularmente aos cadetes do 3º ano (AMAN). É de frisar, e o fazemos com dever de indeclinável justiça, que fostes o primeiro professor da Escola Militar, a introduzir no programa da cadeira, o ensino completo de toda a História Militar (Terrestre) do Brasil, quando até então esse estudo se limitava apenas ao da guerra do Paraguai. E esta somente dada em uma única aula. Assim, com inteligência e sabedoria, soubestes dar o desenvolvimento reclamado na parte referente àquela guerra, que estudastes em sete escorreitas e agradáveis conferências, precedidas de pormenorizada exposição de todos os demais prélios em que nosso Exército entrou desde os tempos coloniais” (7).

c. Conclusões: Engloba a interpretação ou interpretações do fato histórico ou significado do mesmo. E além, sua síntese, grande conclusão, ou ensinamentos que sugere, tudo à luz dos objetivos. Divide-se em conclusões parciais - ou a interpretação do significado de cada objetivo da pesquisa - e conclusão final, com a síntese histórica, ou ensinamentos sugeridos pela pesquisa.

Há outras formas de tratamento das conclusões parciais. Ou seja, fazê-las logo após cada objetivo. E, ao final, somente a grande conclusão ou síntese. Tudo em função do engenho e arte de cada historiador.

d. Prova histórica: São indicações referentes à pesquisa. Ela possibilita, a quem o deseje, a comprovação da tese defendida pelo historiador.

Ela compreende: números colocados no texto em local próprio, com notas correspondentes ao final de cada capítulo ou da pesquisa; as convenções utilizadas pelo autor; a bibliografia que permita identificar as notas; e o apêndice com fontes documentais, de preferência inéditas, que fundamentam o trabalho.

A organização da prova histórica é regulada por normas técnicas específicas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Para obtê-las atualizadas socorrer-se de uma biblioteca ou biblioteconomista.

Um exemplo de prova histórica: Reportemo-nos ao exemplo citado na letra b (Desenvolvimento), com relação às referências numeradas de 1 a 7. Notas correspondentes constariam no final do respectivo capítulo (artigo ou livro):

Notas ao Capítulo __

- 1 - RODRIGUES, Lysias. **Geopolítica do Brasil**. p.
- 2 - ECEME. **O Marechal Castelo Branco e seu Pensamento Militar**. p.
- 3 - FRAGOSO. **A Batalha do Passo do Rosário**. p.
- 4 - TAVARES, Lyra. **Exército e Nação**. p.
- 5 - Idem nota 2.
- 6 - AMAN. Plano de Ensino - 1978, p. 2.
- 7 - AZEVEDO, Cordolino. **História Militar**, p. IX - X.

Estas notas seriam referidas à bibliografia, ao final, identificadora de todas as características das fontes citadas. Elas podem, conforme o caso, ser precisadas com o número da página ou páginas e volume, se for uma coleção.

No presente ensaio há diversos exemplos. Normas atualizadas específicas da ABNT tratam com detalhes do assunto.

Para identificar totalmente a fonte de onde foram extraídas as notas, organizaríamos a bibliografia a seguir, precedidas de convenções usadas no texto, como abaixo exemplificado:

Convenções Usadas na Pesquisa

ABH - Academia Brasileira de História
AHIMTB - Academia de História Militar Terrestre do Brasil
AHEX - Arquivo Histórico do Exército
AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras
ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
BIBLIEX - Biblioteca do Exército
BN - Biblioteca Nacional
C Doc Ex - Centro de Documentação do Exército
D N - Defesa Nacional
ECEME - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército
EsAO - Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
E S G - Escola Superior de Guerra
E M E - Estado-Maior do Exército
IHEPR - Instituto Histórico e Etnográfico do Paraná
IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IGHMB - Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
IHGRGS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo
MMF - Missão Militar Francesa
RIHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
RIGHMB - Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil
RIAGHP - Revista do Instituto Arqueológico de Geografia História de Pernambuco
RMB - Revista Militar Brasileira.

O Autor, no texto, usaria a designação completa pela primeira vez ao lado da sigla respectiva. Depois somente a sigla. Na bibliografia se socorreria da sigla. Este processo permite muita economia de tempo e espaço.

Bibliografia

1 - AMAN. **Plano Geral de Ensino 1978**. Resende: Imprensa Acadêmica, 1978.

2 - FRAGOSO, Augusto Tasso. **A Batalha do Passo do Rosário**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2ª Ed.

3 - ECEME. **O Marechal Castelo Branco - seu Pensamento Militar**. Rio

de Janeiro: S Ge Ex, 1965.

4 - TAVARES, Aurélio de Lyra. **Exército e Nação**. Recife: UFPE, 1965.

5 - AMAN. **Plano de Ensino 1978**. Resende: Ed. Acadêmica; 1971.

6 - AZEVEDO, Pedro Cordolino. **História Militar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950, 2v.

Como apêndice documental sobre estudo de uma batalha é útil a publicação de partes de combate a ela referentes.

e. Índice da pesquisa: Eles facilitam o exame do conteúdo do trabalho.

Existe o índice de assuntos colocado no início ou no fim do trabalho. Quanto mais ele decompõe o trabalho em suas grandes e pequenas partes mais fácil será consultá-lo. Um processo é dividi-lo por capítulos e decompô-los estes com os subtítulos de seu desenvolvimento, às vezes comportando subdivisões dos subtítulos. Um índice assim, feito com engenho e arte, coloca o historiador na posição do consulente e poderá dispensar o índice onomástico. (Veja-se como exemplo o índice deste trabalho)

O índice onomástico consiste na apresentação, em ordem alfabética, dos nomes, idéias, localidades, etc, citados no trecho (páginas em que cada um foi citado). É de real utilidade para o consulente.

Sua confecção é trabalhosa e sua publicação muito onerosa. Só justificável em pesquisas com amplas informações - importantes e básicas.

A seguir, já fora do faseamento da metodologia apresentada, passamos a nos referir a aspectos de obscuridade de um texto.

Índice de obscuridade de uma leitura - O militar por formação e por necessidade operacional é obrigado a escrever com clareza, precisão, concisão e simplicidade.

Uma ordem de operações, por exemplo, tem de ser clara, concisa, precisa e simples para ser facilmente entendida pelos seus executantes. Não pode ser obscura ou propiciar interpretações várias. Caso contrário, não coordenará uma operação militar.

A obra a seguir nos oferece valioso subsídio sobre o índice de obscuridade de um texto:

GUNNING, Roberto. **Técnica da escrita clara** ("The Technique Of Clear Writing"). Nova York: MC Graw - Hill, 1952.

Seu autor, um especialista em comunicação de massas, desenvolveu uma fórmula para classificar a clareza de um texto. Como usá-la, com adaptações para o nosso caso e com um pouco de bom senso do usuário brasileiro:

1º - Apanha-se do texto, como amostra, um período de 100 palavras;

2º - Conta-se o número de frases terminadas por ponto ou dois pontos;

3º - Conta-se o número de palavras difíceis com cinco ou mais sílabas;

4º - Procedem-se a divisão das 100 palavras pelo número de frases. Ao

resultado soma-se o número de palavras com cinco ou mais sílabas. A seguir multiplica-se por 0,4. O resultado será o índice de obscuridade obtido e constante da tabela a seguir.

Exemplo: Número de frases - 2;

Número de palavras difíceis - 22;

Cálculo -

$$100 : 2 = 50 - \text{Frase média}$$

$$+ 22 - \text{Palavras difíceis}$$

$$72 \times 0,4 = \boxed{28,8}$$

Entrando com este índice na tabela concluiremos que o texto é obscuro para todos os tipos de leitores.

ÍNDICE DE OBSCURIDADE DE UM TEXTO

ÍNDICE	LEGÍVEL PARA	OU	OBSCURO PARA	ÍNDICES INFERIORES
17	Curso Universitário		Oficiais formados pela AMAN	
16	Doutorandos		Cadetes do 4º ano - AMAN	
15	Universitário - 3º ano		Cadetes do 3º ano - AMAN	
14	Universitário - 2º ano		Cadetes do 2º ano - AMAN	
13	Universitário - 1º ano		Cadetes do 1º ano - AMAN	
12	Vestibulando			
11	Terceira série - 2º grau		Aluno EsPECEX - 3º ano	
10	Segunda série - 2º grau		Aluno EsPECEX - 2º ano	
9	Primeira série - 2º grau		Aluno EsPECEX - 1º ano	
8	Oitava - 1º grau			
7	Sétima - 1º grau			
6	Sexta - 1º grau			
5	Quinta - 1º grau			

A tabela acima foi adaptada ao sistema de ensino no Brasil. E mais, acrescida de uma correspondência ao nível de ensino no Exército. Ela é uma orientação a ser levada em conta num trabalho destinado a determinado nível de públicos do Exército.

Fontes consultadas para o presente capítulo:

1 - BENTO, Cláudio Moreira. A Produção de Estimativa. Menção Honrosa - Prêmio Argus 78, conferido pela Escola Nacional de Informações.

2 - CAMPOS, Pedro Ernesto Leite. **A Produção da Informação. Coletânea** L. Brasília: EsNI, 1978, Nº 15.

3 - DESCARTES, René. **Discurso sobre o Método**. São Paulo: Atena Editora.

4 - FONSECA, Roberto P. **Manual de Teoria da História**. Rio de Janeiro: Fundo Cultural, 1967. O autor é filho do Gen Clodoaldo da Fonseca.

5 - LIMA, Paulo Daniel Barreta. A Produção de Informação. **Coletânea** L. Brasília: EsNI, 1978, Nº 14 - Rio de Janeiro: PLATT, Washington, BIBLIX.

6 - RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S/A, 1949.

7 - SANTOS, Francisco Ruas. Teoria e Pesquisa em História Militar. Resende: AMAN, 1961.

8 - TOYNBEE, Arnold. **A Sociedade do Futuro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

Notas ao Capítulo 6

1 - ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas - Referências Bibliográficas em vigor. Orienta sobre a elaboração de referências bibliográficas (especificação, localização), notas tipográficas, bibliográficas e especiais.

2 - Do autor. Produção de Estimativas. Menção Honrosa - Prêmio Argus - EsNI, 1977. A História Militar é instrumento fundamental para o pensador e o historiador militar, entre muitos aspectos no seguinte: O estudo do passado militar permite o entendimento do presente. E mais do que isto, a estimar o futuro militar e, em consequência, a atualização da doutrina militar em acordo com a estimativa e não em acordo com o último conflito.

3 - DESCARTES, René. **O Discurso sobre o método**.

4 - Informou-me o Dr Marcelo Caetano que parte da documentação publicada pelo Arquivo Militar de Portugal encontra-se no Brasil, trazida por ele em sua biblioteca, hoje na Universidade Gama Filho. É uma fonte importante da História Militar do Brasil a explorar.

5 - Frase atribuída a Tasso Fragoso, como comandante de unidade do RGS, à observação irônica de um subordinado.

6 - ECEME. Marechal Castelo Branco, p. 165

7 - Idem p. 166.

Quando terminávamos o presente capítulo, recebemos a seguinte obra que nos foi gentilmente ofertada por seu autor:

FONSECA, Roberto Piragibe - **Manual da Teoria da História**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura, 1967.

Seu estudo dedica 147 páginas à metodologia da história nos seguintes aspectos:

- heurística e ciência auxiliares da história;
- introdução à paleografia;

- noções de diplomática;
- operações analítico-sintéticas;
- metodologia ao estudo superior de história;
- metodologia ao ensino secundário de história; e
- metodologia do ensino superior de história.

Ao citar acima o ensino superior de história, deixo aqui minha homenagem ao saudoso mestre de história de diversas gerações egressas da ECEME, que foi o General Flamarion Barreto. Mesmo após seu falecimento, muitos oficiais vêm se beneficiando de seus ensinamentos para se prepararem para o exame de admissão à ECEME. Penso que sua obra de mestre possui grande projeção e que já é chegada a época de seus ex-alunos prestarem-lhe homenagem póstuma compatível com seus reais e reconhecidos méritos de professor de história de diversas gerações do Exército. De igual forma que o General Pedro Cordolino de Azevedo, o General Flamarion Barreto foi um artífice anônimo da cultura dos oficiais do Exército e penso que, de igual forma o tem sido o Cel Francisco Ruas Santos como, de igual forma nós nos julgamos com o presente trabalho e muitos outros. Circunstância que nos proporciona uma agradável sensação do dever que nos impusemos bem cumprido para com o nosso Exército e o Brasil. Conforto de embora reformado, nos sentirmos dentro da cruzada de edificação do Exército do presente e do futuro.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil que fundamos e presidimos, consagrou entre seus patronos de cadeiras os Gen Pedro Cordolino de Azevedo e Flamarion Barreto e o Cel Francisco Ruas Santos. Este em vida. E todos continuarão sendo mestres das gerações do Exército do futuro pelas obras históricas que produziram e pelos alunos que valorizaram, transmitiram e transmitirão as suas lições.